

Ecclesia



Julho de 1949

Ano 1.º

N.º 3

IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

CONGREGAÇÕES E MISSÕES

- LISBOA** Igreja Lusitana de S. Pedro—Largo das Taipas
Igreja Lusitana de S. Paulo—"Marianos"—Rua das Janelas Verdes
Igreja Lusitana de Jesus—R. Quatro de Infantaria, 70-1.º—(Sede provisória)
- P O R T O** Igreja Lusitana do Redentor—R. do Visconde de Bóbeda e R. do Barão de S. Cosme, 223
- VILA NOVA DE GAIA** Igreja Lusitana de S. João Evangelista—Torre
Igreja Lusitana do Salvador do Mundo—Arco do Prado—Devezas
Igreja Lusitana do Bom Pastor—R. do Rei Ramiro—Candal
Igreja Lusitana de Cristo—Outeiro—Oliveira do Douro
- SETUBAL** Igreja Lusitana do Espírito Santo—Bairro Salgado
- ALCACER DO SAL** Igreja Lusitana de Cristo Remidor
- E V O R A** Missão Evangélica dos Martires da Fé—Beco do Chantre
- CAMPANHÃ (Porto)** Missão Evangélica de Santo Estêvão—R. do Azevedo
- VALBOM (Gondomar)** Missão Evangélica de Santiago Apóstolo—Largo da Arroteia
- A M O R A (Seixal)** Missão Evangélica de Santo André—Avenida Marginal Silva Gomes, 16

Ecclesia

Encontra-se à venda na:

Livraria Aillaud & Lellos

Rua do Carmo, 82

LISBOA



Tabacaria Aliança

Rua de Santo António, 19

P O R T O

SÍNODO DIOCESANO DA IGREJA

Presidente:

Rev. António Ferreira Fiandor

Residência: Torre—Vila Nova de Gaia

Secretários:

Rev. António Pinto Ribeiro Júnior (no Sul)

Rev. Agostinho Ferreira Arbiol (no Norte)

Membros:

Rev. Josué Ferreira de Sousa

Rev. José Pereira Martins

Rev. Armando Pereira de Araújo

Rev. José Maria Leite Bonaparte

Rev. Augusto Nogueira

(Um representante secular de cada uma das Congregações a cargo dos Presbíteros do Sinodo).

Ecclesia

	Assinatura	Venda avulso
--	------------	--------------

Império Português	20\$00	6\$00
-------------------	--------	-------

Países Estrangeiros	26\$00	7\$50
---------------------	--------	-------



Assinatura anual — 4 números — a tratar com a Administração ou com qualquer dos ministros da Igreja Lusitana.

Ecclesia

TRIMESTRÁRIO, ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

DIRECTOR:

EDUARDO H. MOREIRA

Avenida Cinco de Outubro, 275-2.º Dto. - LISBOA - Tel. 70722

ADMINISTRADOR:

DANIEL DE PINA CABRAL

Avenida da República, 1118 -- VILA NOVA DE GAIA

PORTUGAL CRISTÃO — PORTUGAL JUDAICO

Pátria querida, terra linda, berço alegre da nossa infância; fundo de luz dos nossos sonhos heroicos; escrínio brincado das nossas mais santas relíquias: como poderíamos nós separar os ideais da nossa Fé, do amor que te devemos, ó Pátria?

Deus nos depositou neste recanto do mundo para te amar e te servir, servindo em ti, e para além de ti, e por meio de ti, a Humanidade, de que tu és parte integrante. Como posso eu entender essa Humanidade, sem ti? Como poderia eu compreender a dedicação materna, expoente do altruísmo, senão através de minha Mãe? Como poderia eu atingir essa abstracção sublime que se diz **Fraternidade**, senão através do amor concreto, próximo, prático, contagioso e premente, do amor dos meus irmãos? Dos meus irmãos Portugueses?

E como poderei eu sentir a beleza e a grandiosidade dum Homero, dum Shakespeare, dum Gogol ou dum Cervantes, se não os traduzir, em

minha mente portuguesa, na língua do meu Camões, do meu Camilo e do meu Eça? E como poderei eu **perceber** o azul maravilhoso do Mediterrâneo, os ocasos rubros do Oriente, as auroras boreais do "polo, as neves eternas dos Alpes, senão pelo contraste com o meu céu português, a prata dos meus olivedos, o rubro e o ouro das minhas cepas, a paisagem próxima e os longes da minha Sintra, da minha Arrábida, da minha Louzã, do meu Marão, do meu Minho, do meu Algarve?

Sejamos sinceros connosco mesmos, para não sermos traidores perante os outros.

Sou cristão e amo a vida da minha Fé, as tradições do meu Credo, os seus herois, as suas fontes percursoras—sejam Profetas de Israel ou Pais Apostólicos; Ana, a mãe de Samuel, ou Maria, a mãe do meu Salvador; os Macabeus ou os fautores da restauração anti-islâmica.

Estou assim perante um Portugal lentamente formado, desde as indecisas aspirações dos barões galegos de aquém-

SUMÁRIO DO N.º 3

Portugal Cristão, Portugal Judaico	1
Reminiscências e Perspectivas	2
A mensagem actual, Dr. Coggan	5
As Lágrimas de Moisés	6
Veni Creator Spiritus (mus. de L. F.)	7
No Atrio: comemorações do trim.	8
Na Nave: "Donde me conheces tu?"	8
Sombras em Fundo Aureo	9
Forum	10
Escotismo	10
Missionística, Ch. Périer	11
No Lar: — (Cães)	12
Na Seara: visita episcopal e A. R. C.	13
O Livro e os Livros	16

-Cávado, aí pelos alvares do século X; formado em sons novos do latim bárbaro, em interesses novos do agro mourisco, na interpretação peculiar do sonho de beleza e de amor que empolga os homens de todos os quadrantes do mundo.

Amo o Portugal judaico que financiou Afonsos e Sanchos a troco de tolerância; que orou e ora a Adonai no mesmo idioma que eu bebi com o leite materno, só mesclado de vocábulos misteriosos recebidos da antiga Lei; que forneceu "físicos" à saúde pública, mordomos à economia pública, pilotos aos nossos descobrimentos, mestres à nossa ciência e peritos à nossa política internacional. Os judeus portugueses eram "gente de nação" antes que Portugal fosse **Nação**; deram-nos em Usque o mais genuíno místico, talvez o único, e em Garcia da Orta um dos nossos maiores escritores da ciência quinhentista; levaram sangue de Portugal ao holandês Espinosa e talvez ao espanhol Velasquez; receberam como intérpretes,

na Índia, ao Gama e a seus companheiros; e, exilados, estão há quatro séculos, nas suas sinagogas de Amesterdão, orando a Deus em português pelos reis hospitaleiros da casa de Orange que lhes deram guarida.

E meu coração é suficientemente grande, ainda que pequeno seja perante a minha ânsia, para amar de igual modo o Portugal cristão de bentos e agostinhos, de hereges e de ortodoxos, de cismáticos e regulares, procurando, nas divergências de muitos séculos e nas subserviências perpétuas do povo simples, a unidade de consciência nacional.

Guiados por esse amor a um e a outro Portugal, que são afinal o mesmo, propunhamos ao sonho messiânico dos **Sefardim** o Evangelho de amor e de liberdade; e ao costume popular católico que se desviou desse Santo Evangelho pelas intromissões estrangeiras no catolicismo inicial, propunhamos com leal coragem e firmeza recta — a Reforma.

REMINISCÊNCIAS E PERSPECTIVAS

TRINDADE COELHO, pai, foi recordado na noite de 23 de Abril, na Casa de Tras-os-Montes, em Lisboa, pelo nosso querido amigo e ilustre publicista Júlio de Lemos. O autor das "Campezinhas" evocou o autor de "Os Meus Amores", em honesta e arguta crítica recheada de citações, prova evidente do carinho com que por muitos anos Júlio de Lemos tem cultuado a memória do Mestre dos contistas portugueses, nada lhe escapando dos **vagidos** da gratidão portuguesa, tão infantil e quase raquítica, por vezes. Nós amamos também, como portugueses, essas páginas únicas de "Os Meus Amores"; e como cristãos reformados não amamos menos esse esforço admirável de compreensão dos problemas portuguêsês, seja o eclesiástico, seja o cívico, que foi o "Manual Político do Cidadão" que Trindade Coelho nos deixou.

cional; o povo que conquistou ao mar uma boa parte do seu solo e que, com pulso forte, o mantém; a segunda pátria dos "Sefardim" quinhentistas, escapos à sanha da Inquisição Portuguesa. Quando a Rainha e suas filhas e Marido apareceram ao balcão do palácio ou na catedral reformada, lembramo-nos dos belos quadros da escola holandesa, onde a família, o lar, são tema predilecto e nobremente inspirador.

Alguém nos escreve, lembrando o caso, aqui levemente tratado, do "pastor" norte-americano de quatro anos de idade, para aludir à notícia da Rádio Renascença, de no mesmo país se ter realizado um casamento pelo telefone. O nosso correspondente entende que o feito é absurdo e pede que o consideremos. Pois bem, consideraremos: 1.º — Não sabemos se é verdadeira a notícia, pois a publicidade mundial é canal de muitas falsidades; 2.º suspeitamos que pode ser mentira, pois essa é uma das armas usadas por adversários apaixonados; 3.º admitimos, todavia, que seja verdade, porque na livre América há muita gente que abusa

Fomos também convidados a assistir à exibição cinematográfica da "Coroação da Rainha de Holanda", promovida pela "Philips". Foi uma grande lição sobre esse país da Flor, da Firmeza e da Família; a nação mestra do Direito Interna-

da liberdade, como noutros recantos do mundo outros abusam da falta dela; 4.º condenamos em nossa consciência livre um tal processo, se alguém o usa, pois não pode ele dar a garantia de seriedade, de sinceridade e de solenidade que o santo estado do matrimónio cristão exige, para se constituir bíblicamente.

Depois do palácio da Haia, tribunal da Paz, e do outro em Genebra, sede da Liga das Nações, novo palácio se constroi, agora em Nova-Iorque, que se orçamenta em mais de um milhão e meio de contos. Não temos em mão todos os factores de apreciação que nos permitam aprovar ou reprovar tal feito. Mas sentimo-nos tomados duma forte tentação para comparar esse monstro arquitectónico com o modesto "Cenáculo" da cidade de Jerusalém, onde uma dúzia de cristãos e cristãs lançaram as bases duma Obra maravilhosa, que as forças do mal têm minado e a ingratidão humana, que gosa dos seus benefícios, nega petiçegamente, mas que foi fermento fecundo de todo o progresso moral do homem moderno.

Tem-se debatido desde há tempos, no seio da Assembleia Nacional, um assunto de alta significação moral: o projecto de amnistia ali apresentado, de que beneficiaria a Sereníssima Casa de Bragança, banida em seus dois ramos pelas leis saídas de duas revoluções liberais, no espaço de duas gerações, e igualmente numerosos portugueses castigados por delictos de caracter político, ou social. Esta revista, puramente religiosa, não deve e não quer ocupar-se dos aspectos políticos de quaisquer iniciativas; mas compete-lhe pôr em relevo o significado religioso dos actos humanos, sejam eles quais forem e donde vierem, pois todos os actos poderão ter esse significado. O projecto em questão é, cristãmente considerado, a afirmação de que dentro de um aglomerado humano definido por características peculiares e gozando de soberania altivamente conquistada e firmemente mantida, cabem todos os que respeitem essas características e essa soberania, sejam monárquicos ou republicanos, proteccionistas ou livre-cambistas, cristãos, judeus ou agnósticos, católicos reformados ou não-reformados. Numa atmosfera de paz todos podemos viver, desde que não esqueçamos o preceito de Cristo: "Amai-vos uns

aos outros como eu vos amei". Não por meras palavras, mas de facto, dando a própria vida.

Passou há pouco por Lisboa um cavalheiro holandês que, durante a ocupação alemã, vendeu uma herdade por um saco de aveia. Isto dá bem a medida do império da fome nas nossas vidas. A quinta iria produzir em anos sucessivos. Mas de que nos serve o futuro se perdemos o presente que no-lo pode assegurar? A casa é um abrigo bem útil, mas se vem a morte, ela se torna num jazigo inútil. Tudo se cede quando vem a necessidade imperiosa. Isto nos trouxe ao pensamento aquele facto narrado num velho documento francês do século XIII: que um padre normando da diocese de Évreux entregou todos os seus bens, presentes e futuros, em troca duma Bíblia que ele tomara por empréstimo dum convento de agostinhos (Lortsch, "Hist. de la Bible en France", 239). Dois séculos depois, na Inglaterra, o Novo Testamento era avaliado em tres cabeças de gado grosso, e dava-se uma carga de feno pelo direito de ler algumas das suas páginas. Oh! A fome de Deus e da Sua Graça!

Numa conferência que em fim de Abril realizou no Porto, a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, o sr. Eng. Rebelo Bonito, discorrendo sobre "O canto coral como problema social e artístico" não deixou de citar, entre as modernas tentativas de orfeonismo coroadas de exito, a da Associação Cristã da Mocidade do Porto. De facto o Orfeão da A. C. M. teve fases muito brilhantes, que nos levaram a recordar "a alma harmoniosa e forte da Reforma" de que falou o grande poeta Afonso Lopes Vieira. As instituições nascidas da Reforma não podem esquecer as suas tradições orfeónicas.

O último censo da Igreja Episcopal Brasileira regista 7.178 comungantes e sessenta templos. É uma das confissões cristãs mais pequenas do Brasil, mas conta no seu clero com elementos de grande prestígio.

Passou há pouco o quarto centenário da tradução da Bíblia em finlandês, pelo Bispo Miguel Agrícola. Os filatelistas têm mais um espécime com a Bíblia aberta e olhos e mãos que a ela se dedicam.

AS

"LÁGRIMAS DE MOISÉS"

NA

LITERATURA CONTEMPORANEA

VAV

○ notável novelista Loureiro Botas, no seu atraente feixe de contos "Litoral a Oeste", a páginas 158, tem esta frase, decerto colhida, como tantas outras por ali esparsas, dos dizeres populares da região:

"Chora as lágrimas de Moisés, filha! mas na le vale de nada!"

A qualquer "bibliano" este anexim ou modismo regional levará a meditar sobre o que ao nosso povo terá impressionado, nas tradições dos **sefardim** (ou judeus portugueses) ou nas homilias e na catequese conventual de outrora, que o levasse a essa aplicação ao choro de que se não tira proveito, por outras palavras, à lamentação inútil ou infrutuosa.

A história do grande Condutor de Israel começou com seu choro de infante, na cestinha embreada a vogar nas águas do Nilo, choro que comoveu a princesa real e a levou a adoptar a creança (Exodo 2:6 a 10). Foi tão útil ao plano divino aquele encontro e aquela compaixão, que nos desviamos desse fio interpretativo. As lágrimas do filho de Jocabede, em vez de infrutuosas, mudaram a marcha da ética humana, salvando o monoteísmo no pensamento religioso mundial.

Resta-nos o choro do povo em presença de Moisés o qual não é, evidentemente, "lágrimas de Moisés", mas é lágrimas que Moisés levou à presença de Adonai, como representante que era e advogado do seu

povo (v. Números 11:4 a 20 e 14:1; Deuterónimo 1:45). Ora esse choro dum povo ingrato, que recordava com saudade a vida de escravidão no Egipto, de que havia sido salvo, somente porque tinha dificuldades a vencer no deserto, era um choro delituoso, eram lágrimas inúteis porque não mudavam a marcha das coisas nem o coração de Deus.

Chorava o povo pelas panelas de carne e as cebolas que no Egipto comia debaixo do chicote dos capatazes e das extorções dos exactores cruéis. Lágrimas covardes, lágrimas ridículas, que nasciam da falta de fé de quem tantas provas de benevolência recebera. Lágrimas que ficaram na História Sagrada para ensino do Novo Israel, a Igreja de Cristo, que, se consentir em lamentar-se pela perda do bem efêmero do mundo, desdenhando a bênção que o Evangelho lhe traz a cada momento, bem se lhe aplicará a expressão dos Portugueses da Beira-mar: "Chora lágrimas de Moisés, filha, que de nada te vale:".

(final do artigo de pág. 5)

À Luz destes versos, bem faremos se examinarmos a função, na nossa comunidade, da Igreja à qual pertencemos. É um "club" espiritual, uma estufa para a criação de uns raros espécimens piedosos? Ou é ela **dada**, uma fonte de luz e libertação na sua vizinhança? Será, de facto, uma comunidade salvadora? Se as respostas a estas duas últimas perguntas forem negativas, então a solução do problema deve ser encontrada, não pelo nosso afastamento da Igreja, procurando viver e testemunhar num isolamento espiritual, mas por tais comércios com o Deus vivo que nós, quebrados e dados, possamos ser o núcleo de uma comunidade que ilumine e liberte.

Dr. F. D. Coggan,

Director do Colégio de Teologia da Universidade de Londres
(Especial para "ECCLESIA")

Tr. do Rev. Dr. Dantel de Pina Cabral

Música do Dr. Leopoldo de Figueiredo

And^{te}
(Solo)

O' con- no- la- dor di- vi- no, vem: vi- sita os ser- vos

(Povo) *Piu mosso*

Teus, Enche-os da ce-les-te gra-ça, que de

1. 2.

Ti provem, oh Deus. Enche-os Deus.

Veni Creator Spiritus

(Correcção proposta por E. M. à versão litúrgica oficial deste hino, que se encontra a páginas 372 do "Livro de Oração Comum".

Repetinda o Inimigo
Dá-nos paz celestial.
Vem gutar-nos, pra fugirmos
Nesta vida a todo o mal.

Ó Consolador Divino,
Vem, visita os servos Teus;
Enche-os da celeste graça
Que de ti provém, ó Deus.

Tu, que os sete dons concedes,
Da clemência és o poder.
Dá-nos a eloquência santa
Que te aprouve prometer.

Dá-nos fé no Pai Celeste,
Em Seu Filho, o Salvador,
E em Ti, para que adoremos
Um Deus trino, com fervor.

Tu, sublime dom do Eterno,
Paracleto Ensinador,
És unção das nossas almas,
Fonte viva, fogo, amor.

Aos sentidos luz concede,
Puro amor inspira aos Teus;
A fraqueza humana muda
Em coragem, grande Deus.

Glória ao Pai e glória ao Filho,
E ao Consolador também;
Graças e louvores damos
Para todo a sempre. Amem.

AS COMEMORAÇÕES DO TRIMESTRE

25 de Julho: Santiago, 2.º Martir (S. Mateus 20:20 a 28 e Actos 12:2)	24 de Agosto: S. Bartolomeu Ap. (ou Natanael: S. João 1:45 a 51 e 21:2)
6 de Agosto: Transfiguração de N. S. Jesus Cristo (S. Mateus 17:1 a 9)	21 de Setembro: S. Mateus Ap. (S. Mateus 9:9 a 15)
	29 de Setembro: S. Miguel e todos os Anjos (Apocalipse 12:7 a 12).

NO ÁTRIO

(Salmo 98:9)

Calendário Israelita

NESTA quadra do ano têm os Judeus algumas das suas mais importantes comemorações, que poderão ser para nós, cristãos, uma oportunidade para orar especialmente por Israel.

A 14 de Julho recorda-se a tomada de Jerusalém pelas tropas de Tito Vespasiano, e celebra-se o Jejum de **Tamuz**.

A 2 de Agosto recorda-se a destruição do Templo de Jerusalém e celebra-se o Jejum de **Tissá Beab**.

A 24 de Setembro é o Ano Novo Judaico: **Tos-Haxaná**.

A 26 de Setembro há novo jejum judaico: **Guedaliá**.

E como a 3 de Outubro é o dia da Expição, ou de **Kipur**, oremos por Israel durante estes dias que vão do 14 de Julho a 3 de Outubro.

(V. Profecia de Jeremias, cap. 31).

Colheitas

Em geral o nosso povo refere ao "São Miguel" o começo das colheitas, pelo hábito de ligar as suas tarefas agrícolas às suas festas de igreja. Notemos a coincidência de serem os Anjos executores dos desígnios de Deus na colheita final. (São Mateus 13:49).

A festa mosaica dos Tabernáculos é a 8 de Outubro e as nossas festas de colheitas, em dias indeterminados, realizam-se por esta época.

NA NAVE

(S. Mateus 18:20)

"Donde me conheces tu?" (S. João 1:43)

NATANAEL tem sido sempre considerado o mesmo apóstolo que nas três listas dos Doze aparece com o patronímico de Bartolomeu. Mas como o texto sagrado não o diz positivamente, também tem sido de uso imemorial acrescentar-se o humilde e prudente "talvez".

Para não ser a mesma personagem a detentora desses dois nomes, teremos de negar a Natanael a qualidade de apóstolo, ou ao menos não o incluir no número dos Doze.

Na convicção de que se trata do mesmo Homem, tragamos hoje a sua lembrança para aqui, naquele diálogo famoso que vem no Santo Evangelho (S. João 1:47 a 51):

— "Eis aqui um verdadeiro israelita, em quem não há dolo.

— "Donde me conheces tu?"

— "Antes que Filipe te chamasse te vi eu, quando estavas debaixo da figueira.

— "Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!

— "Porque te disse: "vi-te debaixo da figueira" crês? Coisas maiores do que esta tu verás".

Não há lugar recôndito, copa frondosa de figueira, no descampado, ou paredes espessas dum aposento só nosso (S. Mateus 6:5 e 6), que impeça o Mestre de nos ver. Não há disfarçar voluntário ou inconsciente, de calculo ou de cortesia, que o impeça

de nos conhecer. O Rei perfeito conhece os Seus súditos melhor que Augusto, ao esforçar-se, no Forum de Roma, por a todos saudar pelo seu nome. O filho de Deus, Verbo Criador, conhece as Suas criaturas, melhor que elas mesmas.

Jesus conhece-nos. Jesus conhece-te, leitor amigo, quer tu queiras, quer não! Mesmo que por vezes tu cultives um açucarado dolo, umas pequeninas imposturas, uma intrigazinha "inocente", uma delicadeza postiça, por condescendência com uma sociedade de fingimentos; mesmo que **lealdade** seja para ti um vocábulo sonorizado, com a tónica em A, parente fonética de "afável" ou de "amável" ou de "delicado", e não uma maneira de ser.

Mas eu prefiro pensar que amas a franqueza límpida; que o teu rosto se abre como janela dum lar iluminado, que espalha na estrada um leque de luz. Ele assim te conhece e aprecia, o Mestre que nunca engana e nunca se engana.

Comparou-se Nosso Senhor a um pastor apto e perfeito, condutor que sabe do seu ofício, que ama as suas ovelhas e por elas se sacrifica. Que sensação produz em ti, leitor amigo, esse facto? Examinemo-nos: É natural, é fatal até, que primeiro sintamos um certo mal-estar, inexplicável de começo, de quem se sente descoberto, desnudado, apanhado. Mas será rápida essa sensação, se considerarmos a personalidade de Quem nos apanhou, nos desnudou, nos descobriu. Aquele olhar que tudo desvenda, tudo compreende, aquele olhar de rectidão, é também um olhar de amor. Sobre esses olhos de infinita limpidez abre-se uma fronte que suou sangue por nós, fronte que consentiu em ser coroada de espinhos para nos arrancar da alma o espinho do pecado.

Admirável Rei de Amor, adorável Rei de lealdade e de rectidão! Meu Rei: Salvé!

SOMBRAS EM FORUM FUNDO AUREO

ANGELO DE MORA E OS SEUS COMPANHEIROS

(Fragmentos de um relatório de Nov. de 1879)



UM dia — há apenas treze anos (que tempo não levou a chegar até nós a luz daquele astro!) um homem sózinho, pobre, desprotegido e desconhecido, entrou nesta capital, e ousou encarar de frente e romper os magotes de fariseus, que tentaram embargar-lhe a passagem... Aquele homem chamava-se D. Angelo Herreros de Mora.

Em todos (os primeiros membros da congregação de Mora) almejava o desejo ardente de haver casa que pudessem transformar em templo; deparou-se-lhe uma — uma barraca junto da Praça das Flores, na Rua de N. S. da Conceição — e cada qual furtou ao minguido pão de cada dia o pedaço melhor, e com ele foi satisfeito o aluguer da casa que iam consagrar a Deus! Mas isto não era tudo, não era sequer a metade: o sacrifício havia começado apenas, as dificuldades erguiam-se umas após outras, assustadoras, ante a pobreza dos esforçados crentes. A casa estava inteiramente nua: tinha o tecto e as paredes apenas, e estas como aquele, desguarnecidas e mal reparadas. Faltava tudo lá dentro — altar, estante, púlpito, vestiário, vestes, assentos, tudo! Pois tudo em poucos dias lá apareceu; para tudo houve remédio. **Este** acudiu com a única mesa da sua casa, a mesa das suas refeições, e veio oferece-la para altar; **aquele** apeava para solo húmido a sua pobre enxerga das tábuas que lha resguardavam, e vinha oferecê-las para se transformarem em bancos, no púlpito e nas estantes; **outro** trazia pregos; **esta mulher** oferecia a sua melhor toalha para cobrir a mesa do altar; — **aquela** para uma alva... E todos, o seu trabalho. Todos se converteram em operários, e assim se vestiu a casa, e o pobrinho templo ergueu-se!

Henrique Ribeiro Ferreira de Albuquerque

FORUM

Notícias Oficiais do
Cotendo Sínodo Gerat

- 1.º — Por involuntário lapso, que muito lamentamos, não mencionámos nesta secção, no número anterior, o falecimento em Janeiro deste ano da nossa Ex.^{ma} Irmã na fé, S.^a D. Beatriz de Matos Sequeira de Sousa, dedicadíssima esposa e mãe, respectivamente, dos Revs. Josué Ferreira de Sousa e Josué Ferreira de Sousa Júnior, ministros da Igreja Lusitana nas congregações, em Lisboa, de S. Pedro e de Jesus. Muito sentimos a grande amargura destes cooperadores no Ministério da Igreja e, apresentando-lhes o nosso pesar, bem como a toda a família em luto, sabemos, porém, que o Senhor nosso Deus, na Sua Misericórdia e pela Sua Graça, os conforta na crença de que ELE faz tudo bem e o faz para bem daqueles que confiam no Seu amor.
- 2.º — A Comissão Permanente do Sínodo reuniu em 22 de Abril findo, em Lisboa, para tratar de vários assuntos de carácter interno. Tomou conhecimento da chegada, no dia anterior, do Rev.^{mo} Senhor Arcebispo de Armagh e Primaz de toda a Irlanda que, a convite do Sínodo da Igreja Lusitana, vinha celebrar o Rito da Confirmação e ordenar como Presbíteros os Revs. Eduardo Henriques Moreira e Dr. Daniel das Santos Pereira de Pina Cabral e instituir Diáconos os Evangelistas, Dr. Luís Cesar Rodrigues Pereira e Sr. Vidal Vieira dos Santos, cerimónias que se efectuaram em Lisboa, Porto e Vila Nova de Gaia, como noutro lugar desta revista se descreve com pormenores.
- Na mesma reunião e com justificados e óbvios motivos, foi resolvido que nunca poderiam ser cedidos os templos e casas de culto da Igreja Lusitana, para quaisquer reuniões estranhas aos serviços religiosos da mesma, a não ser em casos de reuniões devocionais e gerais da obra evangélica em Portugal, apoiados pela Igreja Lusitana, em que ela participe e que o ministro local dirija.
- 3.º — Está publicado e já foi largamente distribuído por pessoas de valor intelectual, instituições de cultura literária, etc., no nosso país e no estrangeiro, o "Esboço da História da Igreja Lusitana", da autoria do escritor e Presbítero

da nossa Igreja, Rev. Eduardo H. Moreira, Director desta revista. Parte da edição é reservada aos cristãos evangélicos em Portugal, especialmente aos membros da Igreja Lusitana, que não devem deixar de a adquirir. Os pedidos devem ser feitos ao Presidente do Sínodo — Torne — V. N. de Gaia, acompanhados da importância de Esc. 7\$50, por cada ex.

ESCOTISMO

OS VETERANOS DO GRUPO N.º 1

A ideia surgiu, não se sabe donde, mas alastrou, como um fogo latente que em breve foi chama — chama de entusiasmo, naqueles "rapazes" de há trinta anos, na ânsia de reviver a sua adolescência distante, a sua juventude que na alma teima em persistir.

E lá fomos, em 9 de Abril, jantar no Chiado, trinta veteranos do "Um", em alegre convívio, em fraterna comunhão de vistas. Pensou-se em ressurgir de algum modo, em fazer alguma coisa que nos una uma ou outra vez, no presente, sem que seja sòmente a saudade do passado que não volta.

Era orador único, por escolha e convite dos gentis organizadores, o actual sobrevivente da direcção, Eduardo Moreira, o "pai", como dizia o Baptistinha em pequeninas "falas" subsidiárias e extra-oficiais, risonhamente sancionadas. Mas os olhos húmidos, quando Leão de Almeida leu a mensagem inesquecível de Ernesto de Sousa; o esfusiar de propostas; os rostos abertos em belos sorrisos, tudo isso era de tanta eloquência!

De Coimbra veio o antigo instrutor Alvaro de Lemos, que todos preitearam. Requereu-se uma O. S. do digno "chefe Albano da Silva" para que se promova um "camping de saudade" e Edmundo Matos iniciou cantos e gritos escotistas que todos acompanharam alegremente. A "Portuguesa" foi entoada em conjunto solene. Recordaram-se os que partiram deixando um grato e suave aroma de testemunho, de vida digna de ser vivida: Horner, Giles, os dois Moreton, pai e filho... Considerou-se enfim o que mais vale na vida que passa, aquilo que permanece, na frase de S. Paulo — o Amor. E terminou tudo numa prece a Deus.

Missionística

"Ide, ensinai todas as nações". "Ser-me-eis testemunhas até aos confins da terra".

Mateus 28:19; Actos 1:8

QUANDO regressa à sua pátria, depois duns anos passados nas terras longinquas da Africa, onde Deus edifica a Sua Igreja, o missionário é frequentemente surpreendido pelas perguntas, sempre as mesmas, que muitos cristãos lhe fazem e que revelam uma incompreensão ou um desconhecimento patentes àcerca do problema missionário.

a) Para uns a Missão aparece como **o fruto dum certo iluminismo**, dum excesso de zelo pelo menos prematuro. (1.º Coríntios 1:18) "Há tanto que fazer por aqui! — dizem.

b) Para outros a Missão é **o fruto dum gesto de boa vontade humana**. "Admiramos a abnegação dos missionários", dizem, sem ver que não há nada disso.

c) A Missão também é considerada por muitos como **uma obra religiosa**, uma obra de caridade, uma obra pia, da mesma natureza que a esmola do rico ao pobre, do civilizado ao primitivo, do cristão ao pagão.

d) E ouve-se também a objecção seguinte: "Porquê a Missão? Os pagãos não são felizes tais como são? Quem fala assim esquece o que nos dizem Salmo 14:2 e 3 e Romanos 3:10 a 18. Quem fala assim pensa que a Missão Cristã consiste em trazer aos de raça preta um conjunto de tradições e costumes religiosos peculiares à raça branca. Se assim fosse, porque importuna-los com coisas relativas e particulares, como são tradições?"

Mas, irmãos, já sabeis que a Missão Cristã não é, na sua essência, uma exportação, para os pagãos, de costumes e tradições religiosas, precisamente porque o Cristianismo, antes de ser costumes e tradições, é **vida nova**.

A Missão tem uma razão de ser duma outra natureza, diferente duma iniciação, na verdade discutível, do pagão a um conjunto de tradições, rotuladas como "o cristianismo" ou "a civilização cristã". A Missão Cristã tem um outro fundamento sem ser a boa vontade humana ou a simples beneficência. Quando alguém me vem com a pergunta: **Qual é a verdadeira razão de ser da Missão?** surgem no meu espírito as duas frases de Jesus que encimam estas linhas.

A primeira é uma ordem formal, absoluta, explícita: "Ide, ensinai". A segunda, "ser-me-eis testemunhas até aos confins da Terra" é a verificação dum facto irreprimível: quem se torna discípulo do Senhor tornar-se-á inevitavelmente, a não ser que seja infiel, a Sua testemunha onde quer que seja, e quaisquer que sejam as suas circunstâncias pessoais.

O discípulo de Cristo, isto é, o cristão, já não é só quem simpatiza, vibra ou nutre o seu coração com doçuras, não! O discípulo de Cristo, isto é, o cristão, é a testemunha que se empenha, que se liga a Ele. Eis a conclusão inevitável de quem medita a Palavra de Deus e particularmente a vida e o pensamento de Cristo. Numa palavra: **A conversão implica uma ordem de testemunho**: "Sereis minhas testemunhas" é, assim, uma ordem implícita. Mas como a nossa fé muitas vezes se torna covarde deante de factos espirituais, os mais evidentes, por causa desta covardia nossa, sempre possível, **a ordem formal**

explícita, indubitável, foi dada: "Ide, ensinai todas as nações".

Uma ordem! Com todo o absoluto que comporta uma ordem e que, por si só, basta para justificar a missão cristã.

Devo acrescentar que, mesmo se Jesus não tivesse dado esta ordem, mesmo se Ele não tivesse pronunciado estas palavras, no entanto todo o pensamento de Jesus foi a demonstração do seu conteúdo. Toda a Sua vida foi a realização, a encarnação dessa ordem.

Com efeito, irmãos, a vida de Jesus foi vivida além das barreiras, das divisões humanas, dos limites que nos damos a nós mesmos pelas nossas preferências, pelo nosso egoísmo. O que Cristo fez, o que disse, o que viveu, tudo isso pertence a todas as raças. Tudo isso ultrapassa as nossas classificações. Tudo isso não tem idade nenhuma, não tem nacionalidade. Jesus vive, Jesus fala no plano da Eternidade, quer dizer, do que é tão verdadeiro, tão puro, tão justo, que não sofre os golpes do Tempo, que triunfa dos limites do Espaço, que é e será sempre verdadeiro, sempre puro, sempre justo.

Porque Jesus atinge o homem no centro de ele mesmo; lá onde o homem já não é o sr. Fulano ou D. Beltrana, rico ou pobre, bem ou mal dotado, francês, suíço ou português, europeu ou africano. Não: Jesus atinge o homem além de tudo isso, porque alcança o espírito, a alma, a consciência, essa pequena região da pessoa humana onde todos os homens de todas as castas e de todas as raças são os mesmos: pecadores perdidos deante de Deus.

Ora, meus irmãos, quando Jesus entrou desta maneira numa vida, brotam nesta vida imperativos categóricos, compreensão nova da vida, que transformam até a expressão da linguagem religiosa e nos tornam sensíveis ao falar religioso dos outros.

(Continuar-se-á)

Ch. Dérrier

NO LAR

CÃES

Todos por aí citam a frase de Schopenhauer, o filósofo pessimista alemão, a propósito de **homens e cães**, ainda que a maior parte a cite anónima ou a atribua ao primeiro nome que lhe baile na memória. Estou certo de que Schopenhauer se quis servir dos cães para castigar os homens, como quem açula um podengo ou incita um buldogue. Mas a multidão, melhor que o pensador amargo, tradu-la como um elogio dos nossos devotados amigos — os cães.

"Quanto mais conheço os homens mais gosto... dos cães", é a frase de alegre amargura a que nos estamos reportando.

Estamos pensando, a propósito, numa outra frase, e esta dum pensador que não é optimista nem pessimista, mas que é a própria Verdade viva e integral, Jesus Cristo, o Divino Mestre. Ao narrar aquela parábola, maravilhosa de expressão pictorial, do Rico e Lazaro, profere Ele este santo sarcasmo: "...e os cães vinham lambem-lhe as feridas" (Evang. de S. Lucas 17:21).

Lázaro significa, talvez, "sem amparo", e o pobre homem da parábola, representante de todo o refugio social da objectividade humana, negação do "Reino de Deus", é o contraste flagrante com as classes possidentes, os detedores por bambúrio do caudal plutocrático, estes por seu turno representados no "homem rico" a quem Jesus não deu nome, o que se vestia de holanda e púrpura e se banqueteara diariamente com manjares exquisitos.

Enquanto os Salomões, a quem Deus dá a possibilidade, em sabedoria e em riqueza, de edificar um novo Templo ao Seu amor eterno, em meio de pobreza crescente do mundo, desviam para o próprio ventre insaciável o pão dos réprobos, dos naufragos, de órfãos e de viúvas, isto é, dos sinistrados morais e materiais da vida, os cães são a sentença condenatória do coração humano, egoísta e incrédulo, desde a queda que nos tarou.

Daremos aqui a versão, que devemos a D. Esther de Andrade Mello, artista ilustre e coração sensível, do "Elogio do Cão" de Senator Vast:

O melhor amigo que o homem tiver neste mundo pode voltar-se contra ele e tornar-se seu inimigo. Até mesmo um filho ou uma filha, criados com todo o esmero, podem ser ingratos. Aqueles que para nós são mais queridos e estão mais próximos de nós, a quem confiamos a nossa felicidade e o nosso bom nome, podem trair essa confiança. O dinheiro que um homem possui pode perder-se. Justamente na ocasião em que seria mais necessário é que muitas vezes ele foge. A reputação dum homem pode ser sacrificada num momento, por um acto mal-pensado. Seres humanos que estariam prontos a cair-nos aos pés e a prestar-nos homenagem, quando a glória nos sorri, serão os primeiros a atirar-nos a pedra da maledicência quando a nuvem do insucesso se estender sobre as nossas cabeças. O único amigo altruista que neste mundo egoísta o homem pode ter, o único que jámais o deixa, o único que nunca se mostra ingrato ou traidor, é o CÃO.

O cão conserva-se ao lado do dono na prosperidade e na adversidade, na saúde e na doença. O cão é capaz de dormir na frialdade ainda que os frios ventos do inverno soprem, ainda que a neve caia com força, desde o momento que possa estar junto do seu dono. O cão lambe a mão que não tem nada que lhe dar de comer, lambe as feridas e chagas feitas pela maldade que neste mundo se encontra. O cão vigia o sono de seu dono pobre, como se ele fora um príncipe.

Quando todos os amigos nos abandonam, fica o cão. Quando as riquezas tomam asas e a reputação cai em pedaços, o cão é tão constante no seu amor como o sol na sua rota por entre as nuvens. Se a adversidade empurra o dono como um pária no mundo, sem amigos nem lar, o fiel cão não aspira a privilégio mais alto que não seja o de acompanhar o dono, guarda-lo do perigo, lutar contra os seus inimigos e, quando a cena final se aproxima e a morte arrebatou o dono num amplexo; quando o seu corpo é levado para a terra fria, não importa que todos os outros amigos desertem: ali, ao lado da sepultura, se encontrará o nobre cão, a cabeça entre as patas, os olhos tristes, mas abertos, vigilantes — fiel até à morte!

Oremos

Pelo bispo luterano húngaro, Ordass; pelos quinze pastores bulgaros; pelas igrejas evangélicas espanholas; pela obra missionária na China; por todos os perseguidos nas nações mais ou menos totalitárias.

NA SEARA

(S. Lucas 10,2)

Rev.^{mo} Arcebispo de Armagh

De novo veio a Portugal o Rev.^{mo} Dr. Gregg, Lord Arcebispo de Armagh, primaz de toda a Irlanda, o venerando presidente do Conselho Provisório de Patrocínio da Igreja Lusitana. Vimo-lo chegar ao Aeroporto de Lisboa a 21 de Abril, com sua Ex.^{ma} Esposa, recebidos com extremo carinho filial pelo Rev. Presidente do Sínodo e vários ministros e seculares.

A 23 realizaram-se, na Congregação de S. Pedro, 23 confirmações, de fieis da referida Igreja e das de S. Paulo, de Jesus, e da missão de Santo André, na Amora. Na tarde desse dia houve recepção no presbitério da Igreja de S. Paulo, numa reunião íntima que decorreu muito animada. No Domingo 24 celebrou-se a solene instituição do diácono Rev. Dr. Luiz Rodrigues Pereira, seguida da ordenação do presbítero Eduardo Henriques Moreira, ambos eleitos há ano e meio pelo colendo Sínodo. Prêgou o Rev. Ribeiro Júnior e celebrou a Sagrada Eucaristia o Rev. Ferreira Fiador, assistido por seis presbíteros. Ao órgão, o Dr. Leopoldo de Figueiredo acompanhou o povo nos hinos em uníssono e regeu o câro no **Glória Patri**, no **Veni Creator Spiritus**, na antífona "Glória a Cristo" e no hino de S. Bernardo **Jesu Dulcis Memoria**. A multidão que enchia o templo não parecia fatigada ao terminar o triplo serviço divino, necessariamente longo, tal a beleza litúrgica que o informou.

O Rev.^{mo} Arcebispo seguiu para o Porto e Gaia em 28, realizando-se nesse mesmo dia a confirmação de 30 fieis das congregações de S. João Evangelista e do Redentor, no templo da primeira; e no dia seguinte a confirmação de mais 45, das congregações do Salvador do Mundo e do Bom Pastor, no templo da primeira destas.

O sábado 30 foi destinado a um passeio pelos arredores de Gaia e recepção no Salão de Festas da Liga do Esforço Cristão, no Torne. Entre os numerosos assistentes a essa recepção contava-se um bom grupo de membros da Colónia Britânica, do Porto e Gaia.

No Domingo, 1 de Maio, perante a Congregação do Redentor foi instituído diácono o Rev. Vidal Vieira dos Santos, e na segunda-feira, 2, num culto matutino da Congregação de S. João Evangelista foi ordenado presbítero o Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral. Todos os que assistiram a estas reuniões se sentem gratíssimos ao Senhor

O melhor amigo que o homem tiver neste mundo pode voltar-se contra ele e tornar-se seu inimigo. Até mesmo um filho ou uma filha, criados com todo o esmero, podem ser ingratos. Aqueles que para nós são mais queridos e estão mais próximos de nós, a quem confiamos a nossa felicidade e o nosso bom nome, podem trair essa confiança. O dinheiro que um homem possui pode perder-se. Justamente na ocasião em que seria mais necessário é que muitas vezes ele fuge. A reputação dum homem pode ser sacrificada num momento, por um acto mal-pensado. Seres humanos que estariam prontos a cair-nos aos pés e a prestar-nos homenagem, quando a glória nos sorri, serão os primeiros a atirar-nos a pedra da maledicência quando a nuvem do insucesso se estender sobre as nossas cabeças. O único amigo altruista que neste mundo egoísta o homem pode ter, o único que jámais o deixa, o único que nunca se mostra ingrato ou traidor, é o CÃO.

O cão conserva-se ao lado do dono na prosperidade e na adversidade, na saúde e na doença. O cão é capaz de dormir na frialdade ainda que os frios ventos do inverno soprem, ainda que a neve caia com força, desde o momento que possa estar junto do seu dono. O cão lambe a mão que não tem nada que lhe dar de comer, lambe as feridas e chagas feitas pela maldade que neste mundo se encontra. O cão vigia o sono de seu dono pobre, como se ele fora um príncipe.

Quando todos os amigos nos abandonam, fica o cão. Quando as riquezas tomam asas e a reputação cai em pedaços, o cão é tão constante no seu amor como o sol na sua rota por entre as nuvens. Se a adversidade empurra o dono como um pária no mundo, sem amigos nem lar, o fiel cão não aspira a privilégio mais alto que não seja o de acompanhar o dono, guarda-lo do perigo, lutar contra os seus inimigos e, quando a cena final se aproxima e a morte arrebatou o dono num amplexo; quando o seu corpo é levado para a terra fria, não importa que todos os outros amigos desertem: ali, ao lado da sepultura, se encontrará o nobre cão, a cabeça entre as patas, os olhos tristes, mas abertos, vigilantes — fiel até à morte!

Oremos

Pelo bispo luterano húngaro, Ordass; pelos quinze pastores bulgaros; pelas igrejas evangélicas espanholas; pela obra missionária na China; por todos os perseguidos nas nações mais ou menos totalitárias.

NA SEARA

(S. Lucas 10,2)

Rev.^{mo} Arcebispo de Armagh

De novo veio a Portugal o Rev.^{mo} Dr. Gregg, Lord Arcebispo de Armagh, primaz de toda a Irlanda, o venerando presidente do Conselho Provisório de Patrocínio da Igreja Lusitana. Vimo-lo chegar ao Aeroporto de Lisboa a 21 de Abril, com sua Ex.^{ma} Esposa, recebidos com extremo carinho filial pelo Rev. Presidente do Sínodo e vários ministros e seculares.

A 23 realizaram-se, na Congregação de S. Pedro, 23 confirmações, de fieis da referida Igreja e das de S. Paulo, de Jesus, e da missão de Santo André, na Amora. Na tarde desse dia houve recepção no presbitério da Igreja de S. Paulo, numa reunião íntima que decorreu muito animada. No Domingo 24 celebrou-se a solene instituição do diácono Rev. Dr. Luiz Rodrigues Pereira, seguida da ordenação do presbítero Eduardo Henriques Moreira, ambos eleitos há ano e meio pelo colendo Sínodo. Prêgou o Rev. Ribeiro Júnior e celebrou a Sagrada Eucaristia o Rev. Ferreira Fiador, assistido por seis presbíteros. Ao órgão, o Dr. Leopoldo de Figueiredo acompanhou o povo nos hinos em uníssono e regeu o câro no **Glória Patri**, no **Veni Creator Spiritus**, na antifona "Glória a Cristo" e no hino de S. Bernardo **Jesu Dulcis Memoria**. A multidão que enchia o templo não parecia fatigada ao terminar o triplo serviço divino, necessariamente longo, tal a beleza litúrgica que o informou.

O Rev.^{mo} Arcebispo seguiu para o Porto e Gaia em 28, realizando-se nesse mesmo dia a confirmação de 30 fieis das congregações de S. João Evangelista e do Redentor, no templo da primeira; e no dia seguinte a confirmação de mais 45, das congregações do Salvador do Mundo e do Bom Pastor, no templo da primeira destas.

O sábado 30 foi destinado a um passeio pelos arredores de Gaia e recepção no Salão de Festas da Liga do Esforço Cristão, no Torne. Entre os numerosos assistentes a essa recepção contava-se um bom grupo de membros da Colónia Britânica, do Porto e Gaia.

No Domingo, 1 de Maio, perante a Congregação do Redentor foi instituído diácono o Rev. Vidal Vieira dos Santos, e na segunda-feira, 2, num culto matutino da Congregação de S. João Evangelista foi ordenado presbítero o Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral. Todos os que assistiram a estas reuniões se sentem gratíssimos ao Senhor

pela Sua evidente e maravilhosa assistência, e o Rev.^{mo} Arcebispo manifestou-se muito bem impressionado com a marcha dos trabalhos da nossa amada Igreja, onde em muito breve o desejamos ver para novos actos episcopais.

ESFORÇO CRISTÃO DE GAIA

Já fez 46 anos esta Liga, fundada no Torne em 1903. Os jovens fundadores poderão porventura ali rever-se nas actividades dos seus netos queridos.

Em 9 de Maio a Liga comemorou o seu aniversário com uma festa toda abrilhantada por elementos do Esforço Cristão da Igreja Evangélica Metodista do Mirante, no Porto, o qual deu exemplo de boa fraternidade cristã. O Grupo Coral do Mirante é regido por D. Arnaldina Santos.

MÚSICA SACRA

Um ciclo de estudos de música sacra iniciado em 30 de Novembro do ano passado com uma conferência sobre "Lutero e a Música Sacra", pelo Dr. Tomás Ribas, no salão de festas da Congregação de S. Paulo, em Lisboa, teve seu seguimento com tres prelecções magistrais do sr. António Ribeiro da Silva e Sousa (conhecido no mundo da crítica por Sidónio Miguel) em 8 e 22 de Março e 5 de Abril, sobre: I Monodia Gregoriana; II Polifonia Medieval e III Monodia acompanhada, do Renascimento.

Sentimos que a angustiosa carência de espaço nos impeça de dar o texto integral dessas prelecções, com tanta atenção escutadas por bons auditórios; mas não resistimos ao desejo de dar aos nossos leitores alguns trechos do final da última prelecção, deixando para o futuro a transcrição de alguns outros trechos preciosos:

Esta arte que nos reúne é a música. E já aqui foi dito e com muita verdade que, ao fim de contas o canto gregoriano, a que viemos na primeira palestra, a que voltamos nesta última, é património comum de todos os cristãos, como ainda grande parte da polifonia medieval.

Ora, se há uma arte que nos reúne, porque não aproveitar um dos seus momentos para reuniões como esta que acabamos de ter? Devo a propósito aludir a certa frase que li uma vez, dum sacerdote e publicista católico contemporâneo; mais ou menos esta: Estamos em tempo em que os homens têm de procurar o que os aproxima e não o que os separa.

Acontece que, quando fui convidado a vir aqui, eu me lembrei também muito de certa passagem dum antigo livro — a "Corografia Moderna do Reino de Portugal", de João Maria Baptista, publicado em 1876, em cujo quarto volume, que se ocupa de Lisboa, se lê o seguinte:

"Nossa Senhora dos Remédios (chamado vulgarmente dos Marianos) de religiosos carmelitas descalços, fundado em 1606. Foi extinto em 1834. O edifício foi vendido e hoje acha-se ali estabelecida uma casa de oração do culto presbiteriano: sentimos, mas ainda assim (perdoem-nos a reflexão, se escandaliza alguém) apraz-nos mais que tenha este destino do que outro qualquer uso profano, pois ali, embora sob um culto diferente do que seguimos, adora-se ao Pai celestial e ensina-se a santa lei do evangelho. Não nos julgemos uns aos outros, diz o apóstolo, pois Deus nos há-de julgar a todos".

Os católicos passam por intolerantes e não me incumbe vir aqui fazer agora a sua defesa, a propósito da arte da música, que hoje apenas trata de sons, mas que nos tempos passados abarcava, segundo Quintiliano, na parte teórica, a física, com a aritmética física, a técnica com a harmónica, a rítmica e a métrica, na parte prática compreendia na composição a melopea, a ritmopea e a poesia, na execução a orgânica, a ódica, a hipocrítica ou dramática. Mas há que reconhecer que em tanta intolerância duas pessoas se salvam neste espaço de dezenas de anos: o senhor João Maria Baptista, autor da referida Corografia, e eu...

Ai de mim... parecerá a quem me ouve que tenho qualidade para perante V. Ex.^{as} em assemblea de autênticos crentes da sua fé e de seus desvelados praticantes, me arrogar o título de católico. Como muitos por cento dos bons portugueses, sou um mau católico. Mau católico, não porque discorde fundamentalmente dos dogmas da Igreja, mas porque, por orgulho intelectual, por desastrada educação religiosa, por tibieza, por fraqueza, perdi a piedade que anima um rezar, um cantar...

Estou fora do assunto da palestra, eu sei, mas quero dizer-lhes que nesta altura me lembro muito também de certas palavras de Giovanni Papini que em recente livro não hesitou em dirigir-se aos cristãos separados, bem lhes mostrando o que vemos e parecemos não ver: apenas a quarta parte da humanidade se reconhece cristã — mais por estatística que por sentimento — e que nem sequer esta quarta parte se congrega sob o mesmo pastor, antes surge fragmentada em igrejas, seitas, comunhões. Poucos e desunidos, conformados com as magras estatísticas dos baptizados, onde as almas ardorosas são mais raras que pérolas nas conchas do oceano.

Com o fogoso escritor italiano eu penso muitas vezes que devemos deixar ao exame dos polemistas as aljavas demais cheias de frechas ferrugentas, para erguermos antes as esperanças comuns. Iludimo-nos no fugir à encruzilhada para a qual a loucura universal parece arrastar a família humana, que é um ultimato horrendo a todas as nações, a todas as confissões.

Sidónio Miguel

No sábado Santo, 16 de Abril, realizou-se no templo da Igreja de S. Paulo o tradicional Concerto de Música Sacra, pelo grupo coral "Esforço Cristão", do qual temos o prazer de publicar uma autorizada crítica do ilustre maestro sr. Silveira Pais:

Conhecedor da psicologia musical e coral, por força de officio, tenho repetido muitas vezes que o côro Esforço Cristão não é um agrupamento qualquer. E não é um côro qualquer, porque de muitos outros se não possa obter o mesmo: é que na expressão musical retrata-se a subjectividade humana, bastando para que esta nos apareça sublimada, deificada mesmo, que o Director, o Regente, o Ensaaiador, tenha na alma o sentimento profundo do Belo e na cabeça a bagagem suficiente para os reconhecimentos necessários. Cantar ou dirigir coros deixando que a frivolidade se mantenha no espírito em qualquer grau, é o vulgar, o comum, e é coisa absolutamente imprópria e ineficaz num culto religioso.

É isto que o côro Esforço Cristão nos prova: da pessoa do seu director resalta um communicativo sentimento musical em que todos os elementos do grupo comungam, sentindo-o sem sequer saber porquê: é o Belo, o Bom, o humano, o Deus, enfim. A própria técnica escolástica musical fica, em tal caso, subordinada ao fluído ético.

Foi assim que o côro Esforço Cristão executou no seu último concerto o seguinte programa:

— Herzlich tut mich verlangen — de J. S. Bach; — Osterlied — de Ph. E. Bach; — Ave Verum — de Mozart; os corais — Adoração, — Jesu dulcis memoria, e — Saudade — da autoria do Director, Dr. Leopoldo de Figueiredo; e ainda do mesmo autor, a — Cantata O Varão de Dores, — que terminou o concerto, com acompanhamento de orquestra.

Por motivo de ordem pedagógica todos sabemos, porque o sentimos, que a insistência demorada numa única coisa, num só aspecto, dá a monotonia, que cansa a atenção e faz perder o interesse. Para que isso se não desse foram intercalados no programa variantes de "solos" de órgão e de canto.

D. Maria Celeste Carvalho e Silva executou no órgão um — Adágio — de Mendelssohn e um — Coral — de Brahms. Esta senhora, que no órgão

também acompanhou a orquestra, mostrou notavelmente conhecer a técnica especial do instrumento, e não tocar órgão apenas, porque sabe tocar o piano, que é o vulgar; o órgão tem uma técnica sui-generis.

Em solos vocais fizeram-se ouvir os sopranos, D. Violet Hall de Figueiredo e D. Maria Isabel de Almeida Moreira; uma e outra sabendo integrar nas suas execuções e sóbrio espírito religioso, sem excitantes, nem efeitos de captação de aplausos profanos. Cantaram, respectivamente: — I know that my Redeemer liveth, — de Handel; e — Hallelujah — de Mozart.

Silveira Pais

A. R. C.

A Secção Juvenil da Igreja Lusitana de S. Paulo, ultimamente reanimada pelo Sr. José Miguel Balão, experimentado **animador** da juventude, que desde Janeiro vinha promovendo várias passagens de filmes culturais, foi o incentivo para a federação de vários grupos num movimento **para-eclesiástico**, cujo nome é a um tempo inspirador e definidor: "Acção de Renovação Cristã". Os grupos até agora ligados, com estatuto comum, são o Grupo de Escoteiros n.º 53, os grupos campistas "As Sentinelas", de Vila Franca de Xira, e "Brilhe a Vossa Luz", de Lisboa, o Grupo Coral Esforço Cristão e o Circulo Pro Música Sacra.

Aberta a todos, como a própria Igreja, está contudo a ARC sob o patrocínio e vigilância da Igreja, não sendo um movimento inter-eclesiástico ou inter-confessional. Eleitos os seus corpos gerentes em assembleia geral, ficaram assim constituídos: Direcção: presidente Rev. Eduardo Moreira, 1.º secr. Rev. Pinto Ribeiro, 2.º secr. A. Rodrigues da Silva, tesoureiro F. Hartwich Nunes, vogal Dr. Luiz R. Pereira. A. G. presid. Rev. Josué F. de Sousa, vice-presid. Sérvulo N. Chaves, 1.º secr. Dr. Júlio N. Coelho, 2.º secr. D. Felícia Fiandor dos Santos. Conselho Fiscal, presid. Henrique Alves de Azevedo, secr. Joaquim Santa Rita, relator D. Margarida R. Nunes. Como consultores técnicos conta a ARC com os inestimáveis serviços de D. Lilia Gladys Price, Dr. Leopoldo de Figueiredo, Armando Lino e José Miguel Balão. Em 5 de Maio foi a nova colectividade solenemente inaugurada, com discursos pelo Rev. Dr. Luiz Pereira, sobre "Cânticos da Vida" e Eduardo Moreira, sobre "Harmonias Celestes" depois do que se fez ouvir em números selectos do seu reportório o Grupo Coral Esforço Cristão, sob a regência do Dr. L. Figueiredo.

O Livro e os Livros

Falámos há seis meses na Comissão interconfessional evangélica que no Brasil procura fixar o texto literário da Bíblia em português, com o cotejo das versões de Almeida (1681-1753) e Figueiredo (1778-1781) e da que no Brasil foi feita entre 1905 e 1911. Se tivéssemos voz no assunto, tão alto e imperioso, diríamos que, além dos Salmos vertidos por Santos Saraiva ("Harpa de Israel", 1898), e da primitiva versão dos mesmos no "Livro de Oração Comum" (1695), tão apreciada por Santos Ferreira, assim como a dos Evangelhos de Luiz Brandão ("Meditações..." 1679); bem assim a versão do Novo Testamento do Padre Huberto Rohden (1934), e a de Alexandre Blackford (1879), valeria a pena consultar as do Evangelho de S. Mateus, do Padre Santana (1909) e do Pastor Otoniel Mota (1933), a revisão de Stewart, Moreton, Pope, Chaves, Dias, etc., que se arrastou de 1886 a 1901, e outros fragmentos de valor, como Obadias, vertido do hebraico por F. de Távora, em 1566 e reeditado em 1928; Amós, vertido do etiópico por Esteves Pereira (1917), Tessalonicenses e Gálatas, vertidos do grego por J. M. Kyle (1909), Romanos e Gálatas, por Ernesto de Oliveira (1928), Gálatas por W. C. Taylor (1938), e Cântico dos Cânticos, por Samuel Schwarz (1942), um amigo nosso que tem ainda inédita a versão de Ester. E não apontamos, por menos úteis, as versões feitas da Vulgata a não ser a de Luiz Brandão, cujo estilo belo a torna digna de consulta.

Ainda desejamos voltar ao assunto, aduzindo opiniões autorizadas, como as de Erasmo Braga e Santos Ferreira, entre outras, pois a matéria não está esgotada; entretanto só queremos agora notar o belo cenáculo que a Bíblia reuniu em volta de si no Rio de Janeiro: a Sociedade Bíblica do Brasil, fundada em 1948. Temos lido o 1.º número de "A Bíblia no Brasil" referente a Agosto-Setembro passados, onde nos aparecem as provas vivas duma fraternidade cristã que deveria servir de exemplo e estímulo a outros grupos da Cristandade.

Da sua colecionadora e anotadora, D. Henriqueta Rosa Fernandes Braga, recebemos há meses os "Cânticos do Natal". A beleza da

edição rivaliza com a cuidadosa escolha dos cânticos e a erudição das notas. De algumas traduções teríamos de hesitar no apreço, se tivéssemos de entrar nessa minúcia, mas para o efeito de tornar conhecido na nossa língua o pensamento original servem elas muito bem. Saudamos a ilustre e competente musicógrafa pela forma tão útil e bela como enriqueceu a literatura da especialidade.

"Publicações Evangélicas", interessante iniciativa do sr. Artur G. Ingleby, lançaram no nosso mercado várias brochuras, em duas séries muito bem apresentadas: "Biblioteca Vida Nova", e "Colecção Peregrino", das quais já vimos cinco diferentes números. Esperamos ocupar-nos mais de espaço de alguns desses voluminhos, consoante as nossas possibilidades.

Saiu há tempos em Lisboa a celebre obra de Jorge Borrow "Os Ciganos", versão de António Ruas. Supomos a versão fiel e integral. Este livro interessa a quem conhece a "Bíblia em Espanha", do mesmo autor, hoje um nome grande nas letras britânicas.

Esperamos no próximo número continuar com as nossas considerações e referências, que não dependerão, entretanto, do agradecimento que deveremos a quem nos oferecer suas obras, em duplicado, como é de uso.

Registo de entradas

"Esboços de História e Crítica de Arte", por Cruz Cerqueira, Lisboa, 1949.

"O Limianista Doutor Lima Bezerra", Coimbra, 1948 e "Biografia de Miguel Dantas Gonçalves Pereira", Viana do Castelo, 1949, por Júlio de Lemos.

"O Caminho para Deus e como encontrá-lo", por D. L. Moody, versão de J. A. P. Rosa.

"As Comunicações postais luso-espanholas anteriores ao estabelecimento do Caminho de Ferro", e "Cartas e Carteiros", por Godofredo Ferreira, Lisboa, 1947 e 1949.

"A Profilaxia da Língua Portuguesa", por Carlota Almeida de Carvalho, Porto, 1949.

"Conferências — 6.ª série — Liga Portuguesa de Profilaxia Social", Porto, 1947.